

FHC diz em Buenos Aires que o Brasil crescerá mais de 7% em 95

Buenos Aires — Em palestra para 250 empresários do Grupo Brasil, o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso disse que uma de suas principais metas para o próximo ano é, além da revisão constitucional, conseguir retomar já em 95 a taxa de crescimento histórico de 7% ao ano, ou maior, e uma aceleração do processo de privatização. Para isso, ele deixou claro que o comando da economia continuará praticamente com a mesma equipe que vem conduzindo o Plano Real.

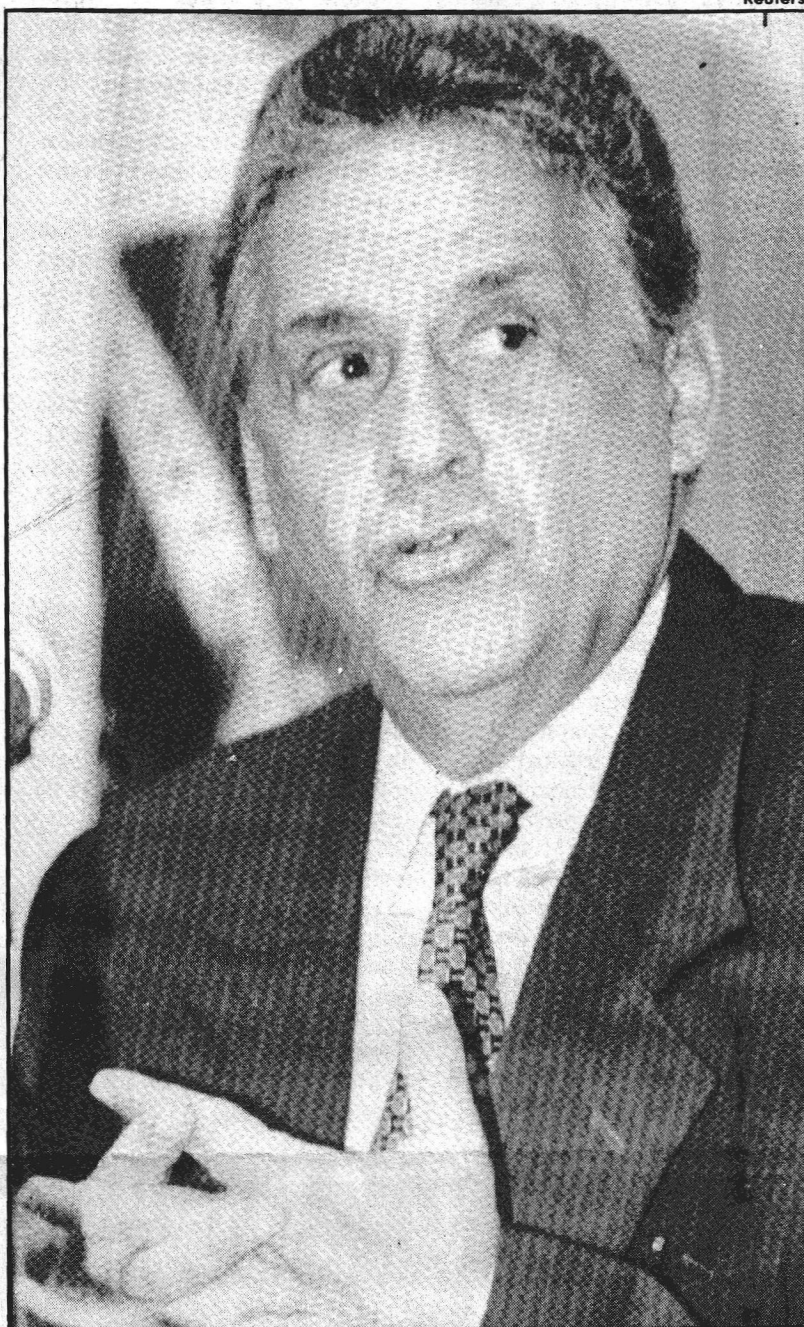
Em relação às primeiras ações que pretende empreender em termos de política externa, ele não deixou dúvidas: a meta é partir para a união aduaneira com a Argentina e demais países do Mercosul, enquanto internamente se preocupará basicamente com as mudanças na Constituição.

“Em 95, queremos um ritmo maior. O combate à inflação será um processo contínuo. Esta equipe lançou a base e em 95 continuará com total apoio. Na política internacional, o Mercosul é o rumo. Internamente, temos que fazer as mudanças constitucionais”, afirmou ele, durante o café da manhã com empresários, no Hotel Sheraton, no centro de Buenos Aires.

Criatividade — Aos executivos das empresas, Fernando Henrique deixou claro que para retomar o crescimento histórico precisa da reforma tributária, de maneira que o estado se intrometa menos na vida da sociedade e consiga se autofinanciar. Esse autofinanciamento requer ainda um impulso maior no processo de privatização e também criatividade e menos burocracia.

“Um homem de Estado tem que ser criativo para resolver os problemas ou então não é um homem de Estado. Nós vamos fazer todo o possível para manter a confiança, a credibilidade e, ao mesmo tempo, preparar o Brasil para entrar no próximo século com muita competência. Estou com 63 anos. Não é agora que terei medo de enfrentar os desafios ou a burocracia para levar o País ao crescimento”, disse Fernando Henrique.

Em relação à política internacional, Fernando Henrique foi taxativo: o Mercosul será o caminho para o crescimento. No discurso, um recado claro àqueles que planejam negociar com instituições internacionais como Nafta — o acordo do bloco econômico entre Estados Unidos, Canadá e México. Qualquer negociação fora do Mercosul, na sua opinião, terá uma força menor do que o acordo conjunto. Quanto às pressões relacionadas ao câmbio entre os dois países, sua intenção é deixar esse assunto para o



Fernando Henrique garantiu que equipe econômica será a mesma

futuro. Por enquanto, medidas menos polêmicas, como abertura de linhas de créditos para exportações e importações, são mais realistas.

“Quando me falam sobre o câmbio, acho simplista. Para exportações e importações, há outras formas de resolver, como tributos e créditos. Hoje, o problema do Mercosul é mais político do que econômico. Os empresários como vocês aqui, já conversam entre si e o parlamento comum ainda é um parlatório. Tem que ter poder de decisão sobre problemas comuns”, afirmou ele.

Durante o encontro, a maior dúvida dos empresários foi em relação à participação do Chile no mercado comum e que destino terá, por exemplo, o setor de autopeças quando tiver selada a união aduaneira dos dois países. Enquanto os argentinos reclamam que podem ser sufocados pela indústria brasileira, o Sindipeças, do Brasil, diz

que mantidas as condições atuais não terá condições de entrar nos demais mercados. “Temos que fazer um grande esforço para detalhar tudo e a excepcionalidade tem que desaparecer no futuro. A integração requer etapas que não levem à desorganização da produção de um e de outro”, afirmou.

Quanto ao Chile, sua intenção é encontrar uma maneira criativa de inseri-lo no Mercosul, mas de uma forma diferente, que pode ser, segundo ele, uma zona de livre comércio. “O Chile é um grande parceiro, tanto do Brasil quanto da Argentina. Se quiser vir para o Mercosul, terá que ter benefícios”, disse ele, evitando a última pergunta, sobre maiores detalhes nas mudanças no câmbio entre Brasil e Argentina. “Não me perguntem muito sobre isso. Sou um pobre sociólogo que virou presidente da República”, concluiu, para risos da platéia. (AG)